

ESTRATÉGIAS DE LEITURA NO ENSINO DO FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

Deise Quintiliano Pereira
(UERJ)

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade desenvolver algumas hipóteses de estratégias de leitura, estabelecendo a diferença entre análise global e análise detalhada de um texto escrito. Ele visa, além disso, ao reconhecimento de certos tipos de competências de leitura no ensino do FLE, procedendo à reconstrução dos sentidos do texto com base no levantamento de diferentes índices, sobretudo os iconográficos.

PALAVRAS-CHAVE: estratégia de leitura; competência de leitura; iconografia textual.

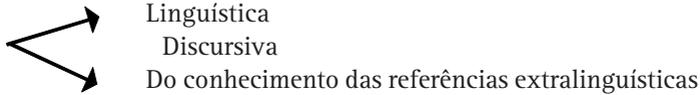
1. Propostas Metodológicas

Todo texto escrito é passível de um desentranhamento de índices linguísticos que remetem aos componentes de base de uma situação referida. Somente objetivos de leitura bem definidos poderão determinar *o que se vai ler* (a escolha dos textos) e *como se vai ler* (as estratégias de leitura). Tais estratégias correspondem a *objetivos* e *projetos* distintos. Não é suficiente conhecer bem uma língua (inclusive a materna) para compreender qualquer texto. Torna-se necessário que se possua ainda um certo número de conhecimentos extralinguísticos, concernentes ao domínio de referência do texto escolhido.

- Competência de leitura

A competência de leitura apoia-se, desse modo, na capacidade de inferir informações desejadas; de interrogar um escrito e nele

encontrar as respostas; de compreender e interpretar os documentos de maneira autônoma. Destarte, essa competência articula-se numa tripla perspectiva:



Para efetuar, então, uma análise mais detalhada do texto, seria necessário lançar um apelo às dimensões pragmáticas textuais da compreensão do escrito, fazendo as seguintes perguntas:

- a) Quem escreve?
- b) Para quem?
- c) Com que propósito?
- d) Onde?
- e) Quando?
- f) Qual é seu ponto de vista?
- g) De que lugar está falando?

Sem dúvida, o próprio texto nos fornece certo número de dados sobre o processo de enunciação que se encontra na origem da mensagem. Essa reflexão pode ser desenvolvida antes da abordagem global exposta acima.

ABORDAGEM GLOBAL
(abordagem formal e semântica)

- propõe apreender o(s) sentidos de um texto sem se embrenhar nos detalhes
- visa à análise do título (pistas)
- procede ao recenseamento do emprego e reemprego dos termos
- parece não preparar a leitura dos textos para o desenvolvimento da função crítica

- Abordagem das imagens do texto

“O texto é uma imagem, como podemos constatar examinando o comportamento das crianças que não sabem ler

proporemos, *o tema da resistência do francês*; o tipo de suporte (revista especializada, jornal diário, semanário, diário oficial, revista,

livro); o nome do escritor, (caso seja conhecido), antecipa a organização e o conteúdo dos enunciados; *le chapeau*¹, isto é, o primeiro parágrafo de um texto, que fornece o essencial da informação, sendo desenvolvido nos parágrafos seguintes.

Tudo isso implica um procedimento de “sucessivas varreduras” do texto, com o fito de depreender outros índices de ordem formal, temática ou enunciativa, reconstruindo, pouco a pouco, o(s) sentido(s) textual (ais).

Texto para a análise (versão original):

De retour de France, un de mes amis chinois anglophones me fit part de son irritation quant à la réticence des Français à parler anglais, ce qui ne facilite pas certaines discussions. Perplexe, il me demanda: “Les Français ne savent-ils vraiment pas parler anglais, ou s’y refusent-ils?” En effet, pour la majorité des habitants de l’Hexagone ayant appris l’anglais, le fait est qu’ils s’y refusent. Ils ont, d’ailleurs, leur raisons, historiques et culturelles, pour manifester ainsi depuis quelque temps le rejet d’une culture étrangère.

L’histoire de leur pays est ancienne et sa culture s’est autrefois imposée dans le monde. La langue de Voltaire a joué un rôle prépondérant dans les relations entre les Etats; elle a été utilisée dans les traités et documents internationaux et fut **en outre** à la mode dans les milieux de l’aristocratie européenne. **Pourtant**, l’éclat du français se ternit. Les emprunts abusifs de mots anglais % et surtout américains % ont déjà dénaturé une langue dont on vantait la beauté et la pureté.

La fréquence de mots anglais familiers, argotiques, voire grossiers, sur les enseignes des magasins, dans les publicités commerciales, au cinéma et à la télévision, *en a obscurci le sens*. Ainsi, *la floraison de fast-foods et l’expansion du cinéma et des programmes de télévision américains* constituent une “invasion” sans précédent de la culture hexagonale.

Même la gastronomie nationale, une des fiertés du pays, subit la concurrence irrésistible du McDonald’s. En 1994, chaque Français a dépensé en moyenne 100 FF au McDo. La situation de l’industrie du cinéma, dont ce pays pouvait pourtant s’enorgueillir, est encore plus désolante: le berceau du septième art ne réalise plus aujourd’hui que 30% des films distribués sur son marché, pour 59% de productions américaines.

Mais, dans de telles circonstances, comment s'étonner que les Français, pour protéger leur langue et leur culture, refusent de parler anglais? Les gouvernements successifs ont engagé un bras de fer, dans des négociations bilatérales ou multilatérales, avec les Etats-Unis sur l'accès au marché de la culture et pris toutes sortes de mesures. La loi Toubon a notamment rendu obligatoire la rédaction en français de toutes les étiquettes et notices explicatives des produits en circulation, ainsi que des publicités et enseignes commerciales. Depuis janvier 1996, il a été instauré un quota minimal de 40% de chansons françaises sur les radios qui émettent en français.

Les Français ne se contentent pas, en effet, de boycotter la culture étrangère; ils essayent également de promouvoir leur propre culture. C'est ce que prouve l'organisation, en mars dernier, d'une "semaine de la langue française" qui a mobilisé écoliers et lycéens ainsi que les établissements scientifiques de tout le pays. Il faut également

citer la "dictée de Pivot", à laquelle participent jusqu'à 1 million de candidats. Le grand nombre de salons du livre et l'attribution de prix littéraires montrent eux aussi l'attachement profond que ce peuple porte à sa culture. De toute façon, on ne peut pas trop leur en vouloir d'être parfois excessifs, à l'instar de ces polyglottes qui se refusent à parler dans une autre langue pour montrer qu'ils font barrage à une culture étrangère. S'il ne se montre pas attaché à sa propre culture, même un pays aussi économiquement avancé que la France doit en effet craindre de ne plus pouvoir s'affirmer dans le concert des nations.



(*Courier International* n° 299 p. 10)

Texto para a análise (tradução)

Voltando da França, um de meus amigos chineses anglófonos me manifestou sua irritação quanto à reticência dos franceses em falar inglês, o que não facilita alguns debates. Perplexo, ele me perguntou: “*Os franceses não sabem realmente falar inglês ou eles se recusam?*” Com efeito, haja vista que a maioria dos habitantes do Hexágono aprendeu inglês, o fato é que eles se recusam. Eles têm, aliás, suas razões históricas e culturais para manifestar assim, já há algum tempo, sua rejeição de uma cultura estrangeira.

A história de seu país é antiga e sua cultura impôs-se no passado no mundo. A língua de Voltaire representou um papel preponderante nas relações entre os Estados, foi utilizada nos tratados e documentos internacionais, tendo, além disso, ditado a moda nos meios da aristocracia europeia. **Todavia**, o brilho do francês apagou-se. Os empréstimos abusivos de palavras inglesas % mas sobretudo americanas % desnaturaram uma língua da qual vangloriávamos a beleza e a pureza.

O uso frequente de palavras inglesas familiares, argóticas, até mesmo grosseiras, nos letreiros das lojas, nas propagandas comerciais, no cinema e na televisão, obscureceu-lhe o sentido. Da mesma maneira que a propagação de *fast-foods* e a expansão do cinema e de programas de televisão americanos constituem uma “invasão” sem precedente da cultura hexagonal.

Até a gastronomia nacional, um dos orgulhos do país, enfrenta a concorrência irresistível do McDonald’s. Em 1994, cada francês gastou em média 100 francos franceses, no McDo. A situação da indústria do cinema, do qual esse país podia também se orgulhar, é ainda mais desoladora: o berço da sétima arte só produz atualmente 30% dos filmes distribuídos no mercado, contra 59% de produções americanas.

Assim, em tais circunstâncias, por que se espantar que os franceses, para protegerem sua língua e cultura, se recusem a falar inglês? Governos sucessivos estabeleceram uma queda de braço nas negociações bilaterais e multilaterais, com os Estados Unidos, sobre o acesso ao mercado cultural e criaram várias medidas. A lei Toubon tornou obrigatória a redação em francês de todas as etiquetas e notas explicativas dos produtos em circulação, bem como das propagandas e anúncios comerciais. A partir de janeiro de 1996, foi instaurada uma cota mínima de 40% de músicas francesas para as rádios que transmitem em francês.

Os franceses não se contentam, apenas, em boicotar a cultura estrangeira; eles tentam ademais promover sua própria cultura. É o que comprova a organização, no último mês de março, de uma “semana da língua francesa” que mobilizou estudantes de liceu e secundaristas, bem como estabelecimentos científicos de todo o país. É preciso ainda citar o “ditado de Pivot”, do qual participam até 1 milhão de candidatos. O grande número de salões do livro e a entrega de prêmios literários mostram, por sua vez, a profunda relação que esse povo mantém com sua cultura. De todo modo, não podemos lhes querer mal demais por serem, às vezes, excessivos, a exemplo desses políglotas que se recusam a falar uma outra língua para mostrar que eles rechaçam a cultura estrangeira. Se não se mostrar preso à sua própria cultura, até um país tão economicamente avançado como a França deve temer não conseguir mais se afirmar na liga das nações.

(*Courrier International* n° 299 p. 10)

2. Proposta

Proponho-me a apresentar o artigo jornalístico, escolhido porque, nele, a *função icônica* se manifesta de maneira evidente, seja pela tipografia, formatação ou ilustração. Basta olhar a imagem para inferir sentido(s) que a abordagem textual é capaz de nos fornecer. Não há, em princípio, outras instruções a seguir, salvo observar o *título* e a *imagem* para extrair conclusões decisivas das ideias centrais que o texto veicula.

O título refere-se ao processo de resistência do francês e notamos, mais abaixo, enquadrados por um *passee-partout*, dois homens, dos quais um (mais baixo e gordo) representa um chinês e outro (mais alto e magro) encarna o Tio Sam - personificação familiar do povo e do governo americano (pode-se comprová-lo pelo chapéu que usa, simbolizando a bandeira dos EUA). Um pouco mais abaixo, lemos, em inglês, a frase: “*sino-us ties*”, exprimindo, ironicamente, que “os chineses são ligados aos americanos”.

O subtítulo, acima: “Pour ‘le Quotidien du peuple’, les mesures destinées à défendre le français pourraient constituer un modèle pour la Chine” - (“Para ‘o Diário do povo’, as medidas destinadas a defender o francês poderiam constituir um modelo para a China”) - possibilita-nos deduzir que o texto (escrito) sugere que os povos (os chineses, particularmente) ajam, a exemplo dos franceses, na defesa de sua língua

e cultura, o que é confirmado pela função icônica, à medida que esta anuncia que as relações sino-americanas são boas apenas na aparência.

Com efeito, na parte inferior do quadro, que as pessoas normalmente não conseguem ver, um personagem pisa no pé do outro, enquanto na parte superior, bem visível, abraçam-se, sorrindo. O sorriso do americano é eivado de malícia e seus olhos arregalados denotam, talvez, ambição e desejo de obter ganhos materiais. Por outro lado, não conseguimos ver os olhos do chinês, já que se escondem atrás de lentes opacas. A teatralidade textual, manifestando-se sob a forma de uma “didascália visual”, mostra estrelinhas refletindo a dor das pisadas, nos pés dos personagens respectivos.

2.1. Etapas desejáveis nesse processo

Leitura do texto que traduz a relação que um escritor mantém com seu enunciado; balizamento dos índices enunciativos (faz-se necessário um certo número de informações sobre a dimensão pragmática do texto, por exemplo: “quem escreve?” - O escritor que é o interlocutor de um amigo chinês; “para quem?” - Para o público em geral; “onde?” - Em qualquer país (na França, na China, alhures); “quando?” - O momento cronológico é o atual e o texto nos fornece indicações precisas (*desde janeiro de 1996*); “quais são seus objetivos?” - Dar sua opinião sobre a situação veiculada no título; “qual é seu ponto de vista?” - O autor é *favorável* à resistência praticada pelos franceses, no que concerne à invasão que eles sofrem por parte das línguas estrangeiras, notadamente, da língua inglesa, falada pelos americanos; “qual é sua estratégia discursiva?” - O autor expõe suas próprias teses, tentando responder à questão proposta por seu interlocutor - um amigo chinês anglófono. Atente-se para o fato que, no texto, é o *eles* o elemento que aparece com maior frequência, sempre que o escritor refere-se aos resistentes; “qual é sua nacionalidade?” % Ele é chinês; “o que nos diz o *chapeau*?” - Ele localiza e esclarece a situação da Língua Francesa no contexto atual e explica, sob a forma de resposta à pergunta feita, que a resistência se justifica por razões históricas e culturais.

2.2. Levantamento dos índices formais

Compreendemos por índices formais tanto os dados puramente icônicos (imagens, esquemas, alíneas etc) quanto os modelos que dão conta da arquitetura do texto (articuladores retóricos, conectores, ele-

mentos anafóricos etc.). No texto em questão e para procedermos a esse levantamento, faz-se necessário:

a) partir do título e procurar os elementos lexicais que atestam a existência de uma *resistência do francês*.

Ex.: *a recusa* de uma cultura, sua cultura *impôs-se*; empréstimos *abusivos*; *a expansão* do cinema; os franceses *para se protegerem*; constituem uma *invasão sem precedente*; *a concorrência irresistível*; situação *mais desoladora* etc.

b) resgatar os índices que assinalam que o autor é capaz de enumerar os argumentos para a resistência:

Ex.: *a frequência* de palavras inglesas; *a propagação de fast-foods*; *a expansão* do cinema...; A gastronomia nacional *sofre*, cada francês *gastou* em média 100 Francos franceses no McDo...

c) interessar-se pelo conteúdo das indicações argumentativas:

Ex.: *proteger* sua língua; entabular *uma queda de braço*; *negociações* bilaterais ou multilaterais; tornaram *obrigatório*; foi *instituída uma cota mínima*; *promover* sua cultura; *mobilizou* estudantes e secundaristas; *a concessão de prêmios literários*; *o apego profundo* à sua cultura.

d) proceder ao levantamento das marcas temporais (considerando-se que o passado é empregado para anunciar uma situação anterior à “invasão”).

Após uma primeira varredura na superfície textual, pode-se chegar a uma *imagem global*, quer dizer, a uma *visão integrada* do artigo, formada inicialmente pela *função icônica* que nele desempenha um papel preponderante, bem como pelo emprego de *articuladores retóricos*, observados depois do *chapeau*. As palavras, em itálico, atraem o olhar, podendo constituir uma estratégia de leitura engendrando, por seu turno, novas percepções do texto:

- Quadro de articulações do texto²

§1 (*chapeau*) Evidentemente, para a maioria dos habitantes do Hexágono...

§2 Sua cultura *impôs-se no passado* no mundo;

§3 *Todavia*, o brilho do francês *apagou-se*.

§4 *Em tais circunstâncias*, como se espantar que os franceses, *para proteger* sua língua e sua cultura...

§5 *É* o que prova a organização...

§5 É preciso citar igualmente...

§6 *Não podemos lhes querer mal demais* por serem...

- Modalidades pragmáticas

Se o leitor quer conhecer “o que lhe sugere fazer” o autor, será o levantamento das modalidades pragmáticas que o ajudará a identificar as ações que esse preconiza. Pode-se perceber a existência de uma modalidade pragmática no interior do texto, quando o autor enumera as medidas adotadas pelos franceses, estabelecendo e esclarecendo, ademais, certo número de “cuidados especiais” que não devem ser negligenciados. D tal situação pode acontecer a qualquer povo e importa, segundo o ponto de vista do autor, compreender e aceitar as atitudes tomadas pelos franceses, tendo por finalidade à defesa de sua cultura.

Exemplo:

Evidentemente *eles têm suas razões...* Para manifestar desse modo...

- *Como se espantar...?* Que os franceses para protegerem...

- Os franceses *não se contentam...*

- *É o que prova...* A organização...

- *É preciso também* citar...

- *Não podemos lhes querer mal demais...*

- *Se ele não demonstra* apego...

[Percebemos aqui os índices lexicais que se apoiam em atos prescritivos.]

| <i>Passado</i> | <i>Presente (conclusão)</i> |
|--|-----------------------------|
| .Sua cultura impôs-se no passado | .não se impõe mais... |
| .A língua desempenhou um papel preponderante | .não desempenha mais... |
| .Foi utilizada nos tratados... | .não é mais utilizada... |
| .Esteve na moda | .não está mais na moda |

RUPTURA: entretanto o brilho do francês apagou-se

Desde o título, pode-se decifrar a posição do escritor para com as medidas adotadas pelos franceses, com base em determinadas expressões linguísticas que exteriorizam sua interpretação, traduzindo sua opinião e explicitando o seu “lugar no discurso”. Todavia, se desejamos descobrir o que ele pensa do que fazemos e o que pode ser feito na

luta contra a invasão estrangeira, na França, é mister recorrer ao re-
censeamento das “modalidades apreciativas” – aqui vislumbradas como
a construção de valores qualitativos sobre uma relação predicativa
pré-construída – do texto, por intermédio das quais, opera-se o levan-
tamento de verbos, adjetivos, advérbios de julgamento e de atitude.

Exemplos:

- (1) A língua de Voltaire representou um papel preponderante...
- (2) O brilho do francês se apagou.
- (3) Os empréstimos *abusivos*... desnaturaram uma língua da qual se elogiavam a beleza e a pureza.
- (4) A frequência de palavras inglesas familiares, argóticas, até mesmo grosseiras, obscureceu-lhe o sentido.
- (5) A propagação de fast-foods.
- (6) um dos orgulhos do país sofre a concorrência irresistível do McDonald's.
- (7) A situação é ainda mais desoladora...
- (8) A ligação profunda...
- (9) ...em serem talvez excessivos...

Diferentemente da superficialidade da análise global, proposta na primeira varredura textual, a triagem das opiniões do escritor permite deduzir que se trate de um comentário crítico, no qual ele denunciará os abusos praticados pelos estrangeiros contra a França e sua cultura, apoiando sua tese num número significativo de argumentos e explicações (operações discursivas). Os “atos de palavra”³ encontram-se igualmente nas “modalidades apreciativas”. Consta-se que o sujeito enunciativo:

- a) informa (quanto à situação antiga e atual do francês no mundo);
- b) lança hipóteses (tenta explicar por que essa situação ocorreu);
- c) previne, adverte (que o processo de “invasão” que pelo qual a França passou pode acontecer com qualquer um, em qualquer lugar);
- d) dá ciência (exterioriza seu espanto em face da situação apresentada e sua adesão à causa francesa, bem como incita os chineses a agirem do mesmo modo que os franceses, na defesa de sua língua e cultura).

- Levantamento temático

Os índices icônicos desse artigo levam-nos a distinguir, de imediato:

- a) O título (sob a forma de constatação que nos é feita)

⇒ *A bela resistência do francês;*

b) O *chapeau* (marcado por uma indagação em discurso direto)
 ⇒ “*Os franceses não sabem realmente falar inglês ou se recusam a fazê-lo?*”

c) O corpo do artigo (com suas marcas tipográficas de enumeração dos argumentos que justificam a resistência da Língua Francesa com relação à invasão estrangeira).

Corroborando a ação interposta pelos franceses, no que diz respeito às influências estrangeiras, o título é retomado de outra maneira no *chapeau* - à esquerda da imagem - na tentativa de responder à questão levantada em discurso direto: “eles têm suas razões históricas e culturais para manifestar assim, há algum tempo, a recusa de aceitação de uma cultura estrangeira”.

O próprio *chapeau* é organizado em função do plano assinalado acima, resumindo, de algum modo, o conteúdo do artigo, pelo viés:

a) *da constatação*: a maior parte dos habitantes do Hexágono (a França) aprenderam a falar inglês.

b) *da procura de causas*: eles têm suas razões históricas e culturais para se manifestarem dessa maneira.

c) *do questionamento*: qual é a nacionalidade do escritor? É possível que ele seja francês (mas não esqueçamos que ele se refere aos franceses como “eles”). De qualquer forma, não resta dúvida de que ele adere à causa francesa.

d) *da revelação*: Foi omitido, propositalmente, que o escritor é chinês. Chama-se Guo Xiaower e escreve seu artigo em Pequim.

3. Conclusão

Graças ao levantamento dos índices temáticos, remetendo a diferentes subtemas, o leitor pode facilmente identificar, no corpo/*corpus* do artigo, em fragmentos singulares, o que é exposto.

Percebemos, em ocasião de ordem vária, que a função icônica aparece no texto de maneira clara, contundente e definitiva. Partindo dessas referências icônicas, orientam-se, em seguida, as estratégias de descoberta progressiva de sentido(s). Essa proposta de leitura dos textos tem por objetivo proporcionar hábitos de leitura seletiva, em língua estrangeira e também materna. Assim sendo, para proceder a uma avaliação mais profunda do texto, precisamos projetar o seguinte quadro de suas articulações:

O *chapeau* prenuncia uma situação e lança, em discurso direto, uma questão à qual o resto do texto tentará responder. De um lado, podemos elencar os elementos considerados negativos e que determinaram a resistência dos franceses, do outro, fazemos a triagem dos elementos positivos, que justificaram essa resistência:

| Justificativa da resistência fatores negativos (-) | Ações de resistência fatores positivos (+) |
|---|--|
| Empréstimo abusivo de palavras inglesas (-) | estabelecimento de queda de braço nas negociações bilaterais ou multilaterais com os EUA (+) |
| Desnaturalizar uma língua (-) | Implementar toda espécie de medidas (+) |
| Frequência de palavras inglesas nas propagandas comerciais, cinema, TV (-) | Lei Toubon (+) |
| Propagação de <i>fast-foods</i> (-) | Instauração de uma cota mínima de 40% das canções francesas executadas nas rádios (+) |
| Expansão do cinema, programa de TV americanos (-) | Boicote da cultura estrangeira (+) |
| MacDonald's (-) | Promoção de sua própria cultura (+) |
| A indústria do cinema só produz 30% dos filmes distribuídos contra 59% dos americanos (-) | Organização de uma semana da língua francesa (+) |
| | Ditado de Pivot (+) |
| | Grande quantidade de salões do livro (+) |
| | Atribuição de prêmios literários (+) |

3.1. Articulação cronológica das fases do processo de leitura

- Percepção dos signos visualmente marcantes ⇒ função icônica da linguagem (fotos, desenhos, títulos, efeitos tipográficos, organização da página etc.);
- Levantamento das palavras-chave e dos pontos fortes do texto ⇒ por intermédio de questões-chave lançadas;
- Análise global ⇒ insuficiente para a interpretação e para o desentranhamento de uma função crítica do texto;
- A partir dos pontos de referência, pode-se articular a *arquitetura* do texto e refletir sobre a função desses elementos;
- Intervenção de dados sociológicos, políticos, culturais etc. (extra-

linguísticos) \implies eles precisam a significação da organização textual;

- Debate em sala sobre os sentidos que cada um atribui ao texto (tomada de posição individual);
- Reflexão sobre a situação de produção \implies conduz a uma melhor compreensão do(s) sentido(s) do texto.

3.2. Quadro recapitulativo a título conclusivo

- As palavras são percebidas globalmente no discurso;
- A reconstrução semântica que implica o processo de compreensão advém de uma percepção global de unidades linguísticas mais amplas;
- Os “sentidos” de um texto podem ser descortinados por meio de sua organização linguística;
- Os articuladores, as palavras-chave são referências para o leitor que surgem do contexto linguístico, lançando luz sobre o saber prévio do leitor e sobre seus conhecimentos extralinguísticos;
- Após uma primeira percepção, bem genérica, o leitor mobilizaria, de uma parte, os dados de sua experiência do mundo, de sua vivência cotidiana e, de outra parte, seu conhecimento dos modelos sintático-semânticos da língua;
- Exemplo de formas de comunicação escrita, fundadas na experiência prévia do leitor: textos impressos, propagandas, panfletos políticos e turísticos, guia de instruções, bulas de remédios etc.

3.3. O que tudo isso quer dizer?

Toda prática de ensino de um objeto pressupõe, de algum modo, “a transformação prévia de seu objeto em objeto de ensino” (HALTÉ, 1992, p. 46), ainda que se trate de um texto, de uma imagem, de uma canção. A transmissibilidade didática instaura as condições de ensino dos suportes e a noção de “escolarização do saber” remete ao conjunto da questão da passagem dos saberes de referência aos saberes escolares aplicados. É essa aplicação que se encontra na base do processo do ensino do FLE, exemplificado, nesse trabalho, com o auxílio estratégico de uma proposta de leitura.

ABSTRACT

This paper intends to develop some hypotheses of reading strategies, establishing difference between holistic approach and detailed approach of a written text. It aims, moreover, at the recognition of certain types of reading skills in teaching French as a Second Language (FSL), undertaking the reconstruction of the meanings of text from the identification of different indices, mainly those iconographic.

Keywords: reading strategies; reading skills; textual iconography.

REFERÊNCIAS

CHAMBERLAIN, Alan et STEELE, Ross. *Guide pratique de la communication*. Paris: Didier, 1985.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

ESCARPIT, Denise. *L'Enfant, l'image et le récit*. Maison des Sciences de l'homme d'Aquitaine: Éd. Mouton, 1978.

HALTÉ, Jean-François. *La didactique du français*. Paris: Ed. P.U.F Coll. *Que sais-je ?* 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. *Eléments de linguistique pour le texte littéraire*. Paris, Dunot, 1993.

MOIRAND, Sophie. *Situations d'écrit. (compréhension/production en français langue étrangère)*. Paris: CLE International, 1979.

_____. *L'analyse du discours*. Paris: Hachette, 1991.

REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José; DENERVAUD, Monique et JESPERSEN, Janine. *Ecrire en Français*. Neuchâtel-Paris: Delachaux et Niestlé, 1990.

NOTAS

¹ Em francês, “chapéu”, texto curto que inicia e apresenta outro texto, após o título, como num jornal, por exemplo.

² Essa proposta de leitura dos textos, partindo de referências icônicas para orientar as estratégias de descoberta do(s) sentido(s), visa a fornecer aos leitores hábitos seletivos em língua estrangeira.

³ Elocuções comunicativas são “atos de palavra”; elas realizam ações, ou, na terminologia da teoria dos atos de palavras, têm uma força ilocucionária que não depende do seu conteúdo proposicional: quando fala, o emissor está fazendo alguma coisa, e não apenas descrevendo determinada situação. Há três atos de fala distintos: o ato locutório, ou o ato de dizer alguma coisa; o ato ilocutório, produzido ao se dizer alguma coisa; e, finalmente, o ato perlocutório, ou o efeito causado pelo que se disse.

Data de recebimento: 15 de fevereiro de 2010

Data de aprovação: 28 abril de 2010